

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - NOTURNO**

**DESAFIOS E APRENDIZAGENS DE UMA PEDAGOGA SURDA NA  
UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO:  
EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Jéssica Garzão**

**Santa Maria, RS, Brasil.**

**2018**

**DESAFIOS E APRENDIZAGENS DE UMA PEDAGOGA SURDA NA UNIDADE  
DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO**

Jéssica Garzão

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Pedagogia – Noturno, área da Educação, da Universidade Federal de Santa  
Maria (UFSM, RS) como requisito para obtenção do grau de

**Graduada em Pedagogia.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Carla Hollweg Powaczuk**

**Santa Maria, RS, Brasil.**

**2018**

**Universidade Federal de Santa Maria**  
**Centro de Educação**  
**Curso de Licenciatura em Pedagogia – Noturno**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o  
Trabalho de Conclusão de Curso

**DESAFIOS E APRENDIZAGENS DE UMA PEDAGOGA SURDA NA UNIDADE  
DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO**

Elaborado por

**Jéssica Garzão**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Graduada em Pedagogia.**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Profª Drª Ana Carla Hollweg Powaczuk (UFSM)**  
**(Presidente/Orientador)**

---

**Profª Ms. Cláudia de Arruda Sarturi (UFSM)**

---

**Profª Drª Rejane Cavalheiro (UFSM)**

Santa Maria, 20 de dezembro de 2018.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecer a Deus, por não me deixar desistir das dificuldades na minha vida.

Mãe Gláucia, Avó Marly e Avô Odir “Didi”, irmã Bibiana por sempre torcer por essa vitória. Sou grata pela família unida que Deus me proporcionou. Por ter me mostrado os valores de quem sempre esteve perto de mim. As pessoas que fazem de tudo pela vitória do outro e estão sempre dispostos a ajudar, ter em quem se apoiar nas horas difíceis, é saber que sempre existirá alguém torcendo pela sua felicidade. Só tenho que agradecer por todos que estão ao meu lado, sempre me apoiando em minhas decisões.

Ao meu amor Luiz Fernando Simões Silva, que me deu muitos conselhos, teve muita paciência, me apoiou, foi quem colaborou na escolha pelo curso de Pedagogia. Eu dedico meu diploma a VOCÊ!

Minha orientadora Ana Carla Hollweg Powaczuk, que com sua criatividade sempre me auxiliou e buscou esclarecer as dúvidas que surgiram durante o trabalho, não somente fase de conclusão, mas desde o primeiro dia que nos conhecemos.

As tradutoras intérpretes de Libras da UFSM Carine, Diéssica, Gabrielle, Grace, Juliana, Maitê, Mariela, Mariléia, Nelson, Raquel, Ravele, Renata, Shanna e Silvia Nara que estiveram comigo ao longo de 7 anos, minha gratidão pela paciência, trocas de experiências importantes que fizeram para mim. Desculpem-me se eu falei rápido em Libras como Flash!

As professoras da banca examinadora, Cláudia de Arruda Sarturi e Rejane Cavalheiro que aceitaram o convite de participação.

Minha querida amiga, Caroline Fagundes Domingues fez as filmagens para a concretização dos vídeos!

Acadêmicos surdos da UFSM, Associação dos Surdos de Santa Maria, Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinado Fernando Cóser, Comunidade Surda e Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo pelas trocas de experiências, pelas amizades e por todo esforço e dedicação que tiveram comigo para que fosse possível alcançar meus objetivos e conquistas.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>8</b>
<b>4</b>	<b>A MINHA HISTÓRIA E MEUS PERCURSOS.....</b>	<b>9</b>
4.1	A TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	9
4.2	A ENTRADA NO ENSINO SUPERIOR: O CURSO DE PEDAGOGIA.....	19
4.3	O MOMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	23
4.4	O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS APRENDIZAGENS DA DOCÊNCIA.....	26
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>36</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a atuação docente de uma Pedagoga surda com crianças ouvintes, enfocando os desafios implicados na organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil a partir das interações promovidas entre a professora surda e as crianças ouvintes no decorrer do estágio supervisionado do curso de Pedagogia.

Eu decidi por este tema, pois realizei meu estágio com crianças ouvintes. Foi muito importante na minha vida fazer o estágio supervisionado em Educação Infantil, uma grande experiência. O desafio de ser uma professora surda e ter como discentes as crianças ouvintes foi uma experiência diferente, quanto a interação com as crianças, inclusive a língua de sinais como a segunda língua.

Realizei o estágio na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, localizada no bairro Camobi, na Avenida Roraima, nº 1000, na turma Violeta, com 18 crianças. A turma multi-idade de 3 anos a 5 anos e 10 meses, correspondente a Educação Infantil. A escola Ipê Amarelo tem 7 turmas, 5 turmas são organizadas com crianças de multi-idade, com crianças a partir de 1 ano e 6 meses até 5 anos e 11 meses; 2 turmas de berçário com crianças de 4 meses a 1 ano e de 1 ano até 1 ano e 6 meses, em média. A turma em que realizei as atividades de estágio me foi direcionado pela minha orientadora professora Dr<sup>a</sup>. Sueli Salva. Essa experiência foi bastante intensa, especialmente porque minha expectativa e intenção inicial, era de realizar o estágio supervisionado na Escola Reinaldo Cóser. Contudo, devido à greve do Magistério estadual no ano de 2017, precisei reorganizar minhas atividades e realizar o estágio em outra escola. Diante da situação, fiquei assustada, quase com lágrimas, por que eu pensava como poderia desempenhar o papel de professora sendo surda com crianças ouvintes? Muito insegura, com medo de não saber explicar o conteúdo na sala de aula para as crianças, como eu faria isso?

Essa foi uma experiência muito importante e por isso decido fazer meu trabalho de conclusão de curso pesquisando e refletindo melhor sobre a

experiência que vivi junto às crianças. Sinto que a vida tem barreiras que me limitam, mas eu também consegui quebrá-las quando aceitei ter uma experiência diferente, aprendi muito com o novo desafio de interagir com as crianças ouvintes e professoras.

Neste sentido apresento como questão norteadora de meu trabalho de conclusão de curso: **Quais os desafios de uma pedagoga surda ao organizar o trabalho pedagógico com crianças ouvintes na educação infantil?**

Como objetivo do estudo foi definido:

## **2 Objetivo geral**

- Compreender os desafios de uma pedagoga surda ao organizar o trabalho pedagógico com crianças ouvintes na educação infantil.

## **3 Objetivos específicos**

- Reconhecer como se deu a organização do trabalho pedagógico pela estagiária com as crianças ouvintes na educação infantil;
- Como se deu a interação entre professora surda e crianças ouvintes;

Tendo em vista o problema da investigação e os objetivos decorrentes, a pesquisa foi realizada a partir da análise das experiências vivenciadas ao longo do estágio, tendo por base o relatório e as reflexões decorrentes das práticas produzidas ao longo da experiência no segundo semestre de 2017. Nesta direção, a pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa narrativa autobiográfica, pois é uma pesquisa sobre a minha vida. Busco descobrir e reconhecer o que fui aprendendo ao longo de minha vida.

Nas palavras de Connelly e Clandinin (1990), somos narradores e personagens de nossas histórias e das histórias dos outros. Nesse sentido, “o estudo da narrativa é o estudo da forma como os seres humanos experimentam o



mundo. Essa noção geral transfere-se para a concepção da educação como construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais [...]” (*ibid*, p. 2).

Tomar nossos escritos como objeto de reflexão é acreditar que a escrita de si, por ser uma escrita autobiográfica, constituindo-se em um momento singular para desenvolver a competência interpretativa e reflexiva sobre si e sobre cotidiano escolar. Escrever sobre si é um exercício que promove uma autorreflexão, isso por que a escrita permite,

Explicitar a singularidade e, com ela vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida (JOSSO, 2004, p. 9).

Nesta direção, este trabalho tem como dispositivo de pesquisa e de formação a escrita de si entende como instrumento de conscientização sobre a atuação docente, tendo em vista que esse processo, permiti identificar e compreender melhor os componentes da prática (ZABALZA, 2004, p. 27).

Nesta perspectiva, apresento primeiramente meu memorial, relatando eventos de minha trajetória de estudante tanto na educação básica como no ensino superior. Posteriormente, trago as experiências do estágio supervisionado em que apresento o contexto onde ocorreu o estágio e os desafios que vivi ao longo deste período. Finalizo apresentando as principais dimensões conclusivas deste estudo.

## **4 A MINHA HISTÓRIA E MEUS PERCURSOS**

### **4.1 A trajetória na Educação Básica**

Nasci em Santa Maria no Rio Grande do Sul, dia 3 de maio de 1991. Sou filha de Glaucia que é comerciante e tenho uma irmã. Fiquei surda aos 3 anos de idade, pois tive meningite.



Foto 1 – Minha mãe estava grávida, chá de fralda. Foto 2 – Quando tinha 4 meses. Foto 3 – Aos três anos.

Minha mãe procurava o apoio na aula de fonoaudiologia do Serviço de Atendimento Fonoaudiólogo (SAF) no Prédio de Apoio – UFSM.



Foto 4 – Exame de auditivos no Serviço de Atendimento Fonoaudiólogo (SAF) no Prédio de Apoio – UFSM.

Aprendi falar algumas palavras, mas desisti aos 12 anos, por que não falava bem. Tive muitas dificuldades com a leitura labial, era muito difícil.



Foto 5 – Eu estava experimentando o aparelho auditivo

Recebi aparelho auditivo pela primeira vez com a estagiária do curso de Fonoaudiologia.



Foto 6 e 7 – Eu em Bauru – São Paulo

As imagens 6 e 7 são apresentadas em na Bauru - SP, quando eu precisava ir ao Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC), para adaptar aparelho auditivo. Era muito cansativo, fazíamos várias viagens. Mas também eu aproveitava e fazia algumas brincadeiras. Lembro que eu achava legal do tamanho no orelhão, por que na minha cidade não havia. Não sei por que eu queria realizar ligações telefônicas se sou surda. Penso que foi por que cresci vendo minha família ligando e utilizando telefones. Nesta época não compreendia minha identidade surda.

Minha família estava preocupada que sou única surda da família, como seria a minha vida no futuro? Minha mãe e avó fazem o curso de Libras no NEPES - Núcleos de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial (NEPES) no Prédio de Apoio – UFSM (antigo lugar, atual no prédio 16). Lá eles explicaram para família sobre surdez, alguns tiveram interesse em aprender Libras, e eu fui ensinando meus familiares, fui sendo a professora deles.



Foto 8 – Com primos na casa do avô.



Foto 9 – Andava de cavalo pela primeira vez, grupo de NEPES, visita conhecer a aula de Ecoterapia.

Depois eu fui aprendendo a minha primeira língua – língua brasileira de sinais - com crianças, adolescentes, adultas (os) surdas (os) e professoras surdas, ouvintes e estagiárias do curso de Educação Especial no NEPES.



Foto 10 – Professores surdos com crianças surdas no NEPES.

Professores surdos com as crianças surdas nos Núcleos de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial (NEPES) no Prédio de Apoio – UFSM.



Foto 11 – Educadora Surda contava história de quadrinhos na Escola Cícero Barreto.

Eu estudava numa classe especial na Escola Básica Estadual Cícero Barreto, todas as turmas, para alunos surdos com a educadora surda que contava a história em quadrinhos para alunos surdos. Sobre Classe especial Silva diz que:

Ao ingressar na escola comum em uma turma de classe especial, o aluno com necessidades educacionais especiais, poderá a partir de seu atributo, tornar-se um estudante estigmatizado pela diferença. (SILVA, 2009, p. 911).

Minha mãe transferiu-me da escola Cícero Barreto para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, pela qual atendia também na classe especial com estagiárias do curso de Educação Especial e professor surdo.

Nesta imagem aparece o dia em que fomos conhecer a anatomia de animais e do corpo humano no Centro de Ciências Rurais na UFSM. Também aprendi as palavras em português na placa, o professor surdo ensinava os sinais em Libras aos alunos surdos.



Foto 12 – com colegas surdos e professor surdo fomos conhecer de anatomia de animais.

Eu estudava nos Anos iniciais do ensino fundamental na escola inclusiva, com professora regente, uma estagiária do Curso de Pedagogia, um professor surdo de Educação Física, com colegas ouvintes e um colega surdo. Tinha uma intérprete de Libras na sala de aula, mas não durante todo tempo. Era dividido o tempo, 20 minutos para cada turma, por que tinha um outro aluno surdo. Esta experiência inclusiva, era muito próxima as considerações de Lopes (2005, p. 41) quando diz que para muitos a inclusão é sinônimo de socialização. Contudo, problematiza que este não pode ser usado como sendo o fim primeiro da inclusão. Conforme a autora, a socialização é um dos objetivos da escola, mas

com ele “o aprender, o ter limites, o de se comunicar e de ter autonomia também determinam o sucesso e o fracasso do projeto da escola inclusiva”.

Mais, ainda, Lopes (2010, p. 87) problematiza que no caso da comunidade surda, mais uma necessidade para que a inclusão possa acontecer, sob outras condições, é a presença de intérpretes nas escolas. O que encontramos nos municípios – intérpretes itinerantes, que trabalham uma vez por semana na escola, dificultando ou até mesmo impedindo que a inclusão possa estar acontecendo com garantia aos alunos de condições de igualdade de participação.

Magalhães (2013, p. 81) explica como funciona a atuação de intérprete itinerante de Libras na sala de aula:

A utilização da língua de sinais deve ocorrer no processo educativo, quando houver a presença de aluno surdo, visto que este possui dificuldades para compressão de informação através da língua oral. Dessa forma, os professores precisam dominar a Língua Brasileira de Sinais como também ter o apoio de um profissional capacitado nesse assunto, no caso, um intérprete de Libras/Língua Portuguesa.



Foto 13 – Professoras ouvintes, professor surdo, intérprete de Libras, colegas ouvintes e um colega surdo na Escola Duques de Caxias.

Depois, quando inaugurou a escola para surdos – Escola Estadual de Educação Especial Reinaldo Cóser, que eu ingressei a entrar na 4º série e me formei no Magistério – Curso Normal para Surdos. A escola foi fundada no dia 27 de setembro de 2000 em Santa Maria, seu funcionamento começou no dia 07 de

março de 2001. Esta instituição atende Educação Infantil, Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Anos Finais), Educação de Jovens e Adultos (EJA), Ensino Médio – Curso Normal para surdos (Magistério) para a Formação de Professores surdos – Ensino Médio e Aproveitamento de Ensino Médio. A escola funciona nos turnos da manhã, tarde e noite.

A escola é de formação bilíngue para surdos, onde a Língua de Sinais (Libras) é constituída como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, é a segunda língua (L2).



Foto 14 – Eu estudava na escola para surdos.

Estudava na 4º série na escola para surdos. Lá eu descobri minha identidade surda como tem uma disciplina de Língua de Sinais (antigo nome era disciplina, atual Língua Brasileira de Sinais). Eu aprendi muito sobre a história de Educação dos surdos no Brasil e no Mundo, a cultura surda, a comunidade surda, material didático e a Tecnologia de comunicação de surdos. Fui crescendo e conquistando novos amigos e aprendendo coisas novas. Essa experiência foi fundamental para o desenvolvimento de minha identidade surda. Perlin (1998) afirma que:

a identidade surda sempre está em proximidade, em situação de necessidade com o outro igual, então, o encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como um abrir do baú que guarda os adornos que faltam ao personagem. (p. 54).



No ano de 2006, nasceu minha irmã Bibiana. Ela aprendeu Libras desde que nasceu. Lembro que a minha irmã estava no meu colo, começou a falar em Libras, minha prima observava e dizia: Jéssica ficou louca! Como vai falar com o bebê em língua de sinais se o bebê não sabe de nada. E eu dizia: não sou louca. Ela vai aprender bem cedo Libras quando vai crescer para poder comunicar comigo. Minha irmã tinha 6 anos, e dei de presente jogo de alfabeto datilológico para ela. Ela adorava o jogo, aprendeu muito rápido. Também eu a levava em todos os lugares que ia para conhecer a comunidade surda, e a nossa cultura.



Foto 15 – com irmã mais nova Bibiana.

Como já contei, fiz na escola Cóser até o ensino médio onde cursei o Magistério, curso que forma professores surdos. Foi uma experiência muito importante. Eu fiz estágio na mesma escola, na turma de 3º série, com a professora regente Diva Maria Cocco, com 4 alunos surdos. Eu estava interagindo com alunos surdos como identidade surda, integração, boas trocas de experiências.



Foto 16 - Formada no Magistério – Curso Normal para Surdos em 2009.

Outra experiência marcante que tive na minha trajetória foram as aulas de ballet. Quando eu tinha 8 anos comecei a fazer Ballet clássico. Não tinha intérprete de Libras na aula, mas eu conseguia entender como fazia a posição nas pernas e braços. Observava a professora e as colegas e fazia os movimentos. Conseguia me comunicar com os colegas e a professora usar gestos e alfabeto datilológico.



Fotos 17 – Tive 7 anos aula de balé clássico. Foto 18 – Formatura como profissional bailarina.

Eu fiz estágio de aula de ballet, com meninas de 8 a 11 anos. Foi muito difícil, eu tentei, mas não conseguia fazer a aula. As meninas não entendiam nada, por que elas precisam do contexto que é a música junto com posição do corpo. E eu ensinei sem música a elas. Por que eu danço sem escutar a música, e não sabia que era o tipo de música combinava para a dança.

Elas já sabiam que eu era surda, e me admiravam muito, por que conseguia dançar sem a música. Durante meu estágio, eu nunca fiquei sozinha. Tive uma colega que me ajudou muito e fizemos juntas a nossa formatura.

Eu me formei como bailarina profissional em 2010 e neste no mesmo ano que passei no vestibular da UFSM. Então, tive que parar de dançar, por que não tinha tempo para conciliar a faculdade e as aulas de ballet.

#### **4.2 A entrada no Ensino Superior: o curso de Pedagogia**

A escolha do curso de Pedagogia foi pelo meu namorado Luiz Fernando Simões Silva, quando decidi fazer o vestibular, pensei em me inscrever em algum curso para a área da saúde, mas ele disse que eu tinha perfil como professora, e já era formada no Magistério – Curso Normal para Surdos na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser. Lembro que dizia: eu não queria mais ser professora, mas ele fez a inscrição do vestibular e entregou o boleto para pagar. Fiquei surpresa e não aceitei, mas ele insistiu falou que eu precisava pagar e fazer prova.



Foto 19: Meu namorado Luiz Fernando Simões Silva

Passei no Vestibular para Pedagogia e fui a primeira cotista surda a passar no Vestibular para o curso, em 2011. Atualmente, no ano de 2018, na UFSM tem 25 acadêmicos surdos em diversos cursos de graduação e técnico.

Quando eu passei no vestibular, eu fiquei apavorada e meu namorado

estava contente, chorou e se emocionou. Mas eu não me imaginava sendo professora. Resolvi aceitar e fazer o curso de Pedagogia.

Começaram as aulas na faculdade, não gostava tanto das aulas, tinha muito trabalho e muita teoria, quase nada nas aulas práticas. Sentia muita dificuldade, não me sentia segura, não conseguia fazer os trabalhos da faculdade. Tive muita vontade de desistir da faculdade. Meu namorado me estimulava bastante para não desistir. No começo foi bem difícil, depois acostumei e entendi que a faculdade é assim, precisa de muito esforço e dedicação.

Permaneci no curso, mas não foi fácil, no primeiro dia de aula, não tinha intérprete de Libras na aula. Na época não tinha concurso de intérprete/ tradutor de Libras. Eu fiquei magoada, as colegas quase não ajudavam, não me informavam sobre atividade, se havia atividade no Moodle, os materiais de aula, eu perdi tudo. Sentia-me péssima, pois não conseguia fazer, pensava: como sou péssima.

Em 2011 a UFSM tinha intérpretes terceirizados. Atualmente a universidade conta com 14 intérpretes de Libras e para ser mais inclusiva as universidades precisam dispor destes profissionais para dar o atendimento aos acadêmicos surdos. O ideal seria que os professores e colegas soubessem Libras, que as pessoas não tivessem preconceito ou medo de conversarem com os surdos. Que houvesse uma aproximação maior dos colegas na sala de aula, mais empatia.

Quando veio a intérprete de Libras na aula, foi um grande alívio, passei a ter informação de atividade, seminários, interação de colegas e professores. Foi muito bom e consegui então me adaptar a vida da faculdade.

Eu me interessei pelas disciplinas, principalmente as disciplinas de Processo, Leitura e Escrita I e II. Eu fiz as testagens sobre leitura e escrita na escola Reinaldo Cóser. Fiquei surpresa, os alunos surdos não liam e não conheciam algumas palavras em português. Quando eu tinha a mesma idade deles, estudava na escola regular e aprendi as palavras em português. Havia ditados em sala de aula, isso me auxiliava na memorização das palavras.

Desenvolvi a escrita do português e percebo que na idade deles tinha mais conhecimento de escrita do que esses alunos com os quais realizei a testagem. Eu era diferente deles, eu estudava na escola regular, quando teve o dia de prova anterior, a intérprete de Libras ligava para a minha mãe e dizia que havia prova e precisava ensinar a Jéssica. Minha mãe me ensinava, e aprendi memorizar as palavras em português, cálculos e tabuada de matemática. Fazia prova e tirava nota boa.

No Cóser quando fui fazer as testagens, eu observei que os alunos surdos não conhecem/sabem as palavras em português. Fiz a testagem com uma turma de terceiro ano que tinha três crianças. Penso que o motivo disso é que têm famílias que não sabem Libras e não ajudam as crianças em suas atividades. Uma das famílias não sabia Libras, só gestos como comunicação com filho surdo. Outra família não sabia ler e escrever, são analfabetos. Então, como fazer para ensinar um filho surdo aprender ler e escrever? E uma terceira família sabe falar em Libras fluentes com filho surdo. A mãe ouvinte contava que ela tentava ensinar ler/escrever em português, mas que o filho não se interessava, tinha preguiça. Só queria usar as redes sociais e vídeo game. As crianças precisam de muitos estímulos da escola e também da família.

A autora Grolla (2009) argumenta que o estágio de aquisição da linguagem pelos quais as crianças passam, é o mesmo, independentemente da criança ser ouvinte ou surda, da aquisição ser uma língua falada ou sinalizada. Observamos que todas as crianças adquirem (pelo menos) uma língua, seja essa uma língua oral ou manual, e o processo de aquisição de linguagem, além de ser universal, é também rápido, uma vez que, por volta dos 4 anos de idade, quase toda a complexidade de uma língua é aprendida. Na fase dos dois anos de idade, a criança tem um vocabulário de aproximadamente 400 palavras e já produz sentenças simples com mais de duas palavras. Entre 2 anos e meio e 3 anos, as crianças têm um vocabulário de aproximadamente 900 palavras.

Então, essa não fluência das crianças em Libras prejudica as crianças em suas aprendizagens. O problema é a falta de estímulo ao filho surdo a aprender ler e escrever em português, e também em outras disciplinas. Fiquei bastante

surpresa e preocupada com esses alunos. De que maneira a disciplina de língua portuguesa está dando conta do aprendizado desses surdos? Quando eu fui alfabetizada, eu fazia muitas atividades como o ditado, pois o desenvolvimento do processo de construção da escrita para alunos surdos precisa de muita experiência na escrita.

Isso me estimulou a querer ajudar no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos surdos e suas dificuldades de leitura e de escrita com as palavras em português, ajudar o conhecimento de aprendizagem melhor.

Outra experiência marcante que tive na graduação foi a construção do diário visual, na disciplina de Artes Visuais e Educação.



Foto 20: Apresentação Exposição de Diários Visuais.

Ele significou muito para minha vida, então nele coloquei minhas mãos, meus olhos, a minha cabeça e meu cérebro. Quanto as minhas mãos, eu uso para me comunicar. Os meus olhos eu vejo, sinto, expesso minhas emoções. Usei as pipocas foi uma forma que representa todos os conhecimentos que adquiri a partir de minha entrada na universidade, foram portas, conhecimentos que se abriram.

### 4.3 O momento do Estágio Supervisionado

O estágio no curso de Pedagogia ocorre no 9º e 10º semestre do curso de Pedagogia e totaliza 150 horas, destas, 120 horas são de regência. No nono semestre ocorre o estágio na Educação Infantil e no décimo semestre nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil aconteceu no período de agosto e dezembro de 2017, mais especificamente no período de outubro a dezembro.

Quando eu solicitei a matrícula de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, eu acreditava e tinha intenção de realizar o estágio na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser. Eu fiz observações na escola, organizei proposta de estágio, planejamento de aula, estava tranquila que ia dar tudo certo. Quando estava próxima a semana de começar a prática do estágio, a professora regente divulgou que haveria greve, pois os professores reivindicavam o pagamento do salário pelo governo do estado. Perguntei quando retornariam da greve. A professora disse que, ainda, não sabia. Esperei muito, mas demorou muito.

A professora me informou que greve teria até 3 meses, eu fiquei preocupada, como eu iria fazer meu estágio. Conversei com minha orientadora a professora Sueli Salva, sobre a greve dos professores e ela sugeriu que mudasse para outra escola. Fiquei assustada, nunca me imaginei fazendo o estágio em uma escola para ouvintes, e pensei: não vou conseguir ensinar as crianças ouvintes, fiquei muito nervosa, com muito medo, não me sentia segura, quase desisti do estágio.

A minha intérprete de Libras me apoiou – disse te esforça. A professora orientadora do estágio dizia que acreditava em mim, dizia: você consegue fazer. É importante: você, primeira professora surda entre crianças ouvintes. É importante a integração, não pode só pensar no trabalho com crianças surdas. Será uma experiência importante, diferente, de novos conhecimentos e desafios.

Quando aconteceu o final de estágio da disciplina de Estágio

Supervisionado em Educação Infantil, sob a orientação da professora Sueli Salva. A realização do estágio ocorreu sob a regência da turma da professora Cláudia Honnef. As aulas foram diariamente ministradas na escola, no período de 23 de outubro a 14 de dezembro de 2017, no horário de 8hs até 12hs.

Para iniciar o trabalho na escola foi necessário organizar uma proposta de trabalho que fiz a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil, de 2009, as quais indicam que: as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores interações e a brincadeira, as quais devem ser observadas, registradas e avaliadas (MEC/SEC, 2012).

Para fazer os planejamentos eu observei bastante e diretamente a professora, sendo que o espaço na Ipê é muito livre e muito dinâmico. Não tinha uma organização obrigatória. Tem uma rotina livre por que é uma classe multidade. Então, me desafiei a desenvolver meu estágio na escola, e ao longo das observações identifiquei que a rotina, a organização era muito diferente. Eram metodologias diferentes. Então, precisei observar e refletir muito o que foi pensado de acordo com as necessidades que iam surgindo.

O grupo era muito ativo e diverso. Havia crianças muito calmas e outras muito alegres. Havia um menino que dormia muito, ele tinha aproximadamente 3 anos e pouco, quando acordava chorava muito, queria a mãe. A diversidade da turma te assustava, eu não sabia que o grupo era grande. Na escola de surdos sempre eram poucas crianças e ali havia muitas crianças.

No começo fiquei bem assustada, mas como havia muitas pessoas junto comigo fui aos poucos me acalmando. Havia a professora regente, duas bolsistas e uma estagiária do curso de Educação Especial e eu. Uma vez por semana o professor de Educação Física também estava.

Então, eu conversei com a minha orientadora e a intérprete estava junto comigo. Minha orientadora me ajudou a refletir sobre o que estava envolvido na aprendizagem. Então, em minha proposta trouxe que “a aprendizagem, no sentido amplo do termo, está presente durante todos os momentos da vida”. A criança está em constante processo de aprendizagem e a linguagem exerce um papel



fundamental nesse processo (GOLDFELD, 2002, p. 160). Compreende-se como Educação Infantil:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.” (DCNEI, 2009).

A prática pedagógica com crianças na Educação Infantil segue orientações da DCNEI (BRASIL, 2009) afirmando que

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter com eixos norteadores as interações e a brincadeiras, as quais devem ser observadas, registradas e avaliadas.” (DCNEI, 2009).

#### Em relação ao Currículo da Educação Infantil

Um currículo que adota a brincadeira como eixo precisa valorizar a dimensão brincante e brinçalhona da professora como condição importante. Essa atitude da professora é essencial para criar vínculos com a criança e para organizar situações nas programações curriculares, em que as interações e a brincadeira estejam presentes. Desenvolver um currículo por meio da brincadeira é diferente de um currículo de conteúdos disciplinares. O brincar requer uma condição: é a criança a protagonista que faz a experiência. A abordagem disciplinar geralmente favorece a ação do adulto, que explica ou faz a demonstração do significado do conceito e não requer, necessariamente, a ação dinâmica e ativa das crianças. Os significados das profissões podem ser experimentados quando as crianças entram no faz de conta, assumindo personagens adultos do mundo do trabalho. Para isso, é necessária uma equipe pedagógica com perfil brinçalhão, que programe espaços, materiais e tempo para que, por meio das brincadeiras e interações, as crianças possam compreender o mundo ao seu redor.

A qualidade da educação infantil depende da integração entre a creche, a família e a comunidade. Essa integração poder ser feita por meio da circulação das brincadeiras. Assim, aproveita-se a diversidade da cultura lúdica das famílias e da comunidade e, ao mesmo tempo, propicia-se às crianças e manutenção de suas identidades culturais”. (DCNEI, 2009).

A prática pedagógica desenvolvida na escola teve sua ênfase nas múltiplas linguagens: pintura, escultura, dança, teatro, jogos, brincadeira no pátio, passeios.

Então, a partir das orientações e das observações realizadas na escola eu fui me organizando. Eu achei estranho porque as crianças que diziam o que gostariam de fazer e no outro estágio eu não tinha que consultar os alunos. Eu tinha que perceber a demanda das crianças, mas não necessariamente perguntar a elas.

#### **4.4 O Estágio na Educação Infantil: as aprendizagens da docência**

Comecei o primeiro dia de observação, cheguei muito insegura, quieta, olhei para as crianças. A professora Cláudia apresentou-me como professora dizendo que eu sou professora Jéssica, explicou que não escuto, não falo, sou surda, e que minha forma de falar é com outra língua a Libras.

A professora ensina as crianças a sinalizar “Ol”, algumas crianças não sinalizam, ficaram tímidas. É normal assim, professora escreve um papel pra mim, ela disse: nome de crianças, idade delas, algum lugar que gostam, uma criança J. tem 5 anos de idade, observou que eu e professoras escrevemos no papel para poder fazer a interação já que ela não sabia muito bem fazer sinal. No segundo dia de observação, as crianças sinalizam “Ol”, fiquei feliz. Em uma mesa com materiais havia papel, lápis de cor e caneta hidrocor. As crianças fazem desenhos.

Uma criança J. tentou usar gesto para comunicar-se comigo. Contudo, ela percebeu a minha cara. Deve ter pensado: ela não entendeu. Então, ela teve uma ideia e pediu, esperar pouco, ela mexeu na gaveta, pegou um papel, uma caneta, ela voltou e ficou perto de mim, ela começou escrever (tipo letras) e me entregou o papel com várias linhas com rabiscos como se fossem letras. Entendeu que eu poderia entender daquela forma. Fiquei admirada ao surpreendê-la muito, peguei o celular para tirar a foto na hora. Ela me entregou um papel! Como foi que isso aconteceu, se eu nunca pedi para ela escrever no papel, mas ela entendeu que era uma forma de comunicação.



Foto 21: a criança J. escreveu o bilhete comunicação comigo.

Então, esse foi um desafio constante para mim e para as crianças, fazer com que elas entendessem que a forma de comunicação teria que se dar por outra via.

Uma situação que retrata muito bem essa situação foi um determinado dia em que uma das crianças gritou “Prof. Jéssica”. Outra professora escutou e explicou: você não precisa gritar para a professora Jéssica, por que ela não escuta nada, só toca no braço dela, uma criança tocou o meu braço.

Outra situação com os pais, aconteceu quando alguns pais ficaram admirados e acharam estranho os filhos em casa fazendo gestos para comunicar em casa, e os pais das crianças conversaram com professora regente na escola, contavam o que estava acontecendo em casa com os filhos fazendo gestos, a professora regente mostra a professora surda e fala que ela ensina Libras às crianças ouvintes. Eles dizem que é muito importante a criança aprender nova língua, alguns pais faziam curso de Libras na faculdade.

Também uma criança me chamou pediu se eu lia lábio e ela falou: BANHEIRO, ela percebeu e esqueceu como fazer o sinal “BANHEIRO”, as crianças acostumaram falar com as professoras ouvintes no cotidiano, quando a aula começou, a professora surda chegava na sala, as crianças percebiam e já

começaram a tentar se adaptar a utilizar Libras. Cada uma destas situações foi refletida e organizada, possibilitadas de trabalhar com as crianças em Libras, como neste caso que foi o sinal de banheiro.



Figura 1 Minidicionário de Libras - FADERS

Esse sinal de banheiro, apresentou as diferentes configurações de mãos, e a locação (lugar) ou ponto de articulação no braço incorreto de crianças:



Foto 22: as crianças fazem sinal de banheiro.

As imagens apresentadas anteriormente, segundo Góes e Campos (2014, p. 66) explicam como são os exemplos de sinais conforme os parâmetros linguísticos de Libras mais detalhado

Os sinais diferenciam-se por parâmetros como as configurações de mão, os movimentos, os pontos de articulação (locais no espaço ou no corpo onde são feitos), as orientações de mão e as expressões não manuais, os quais, juntos, compõem as unidades básicas dessa língua. Assim, a LIBRAS se apresenta como um sistema linguístico que permite a transmissão de ideias e fatos, oriunda de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Como em qualquer língua, também se verificam diferenças regionais, portanto deve-se ter atenção às variações linguísticas.

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18

Fonte: Ferreira-Brito, Lucinda. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. p. 220.



Fonte Google: Configurações de mãos.

Conforme as tabelas apresentadas anteriormente, no início das pesquisas linguísticas sobre a Língua de Sinais no Brasil, Ferreira-Brito (1995) identificou as 46 configurações de mãos. Hoje, alguns estudos em andamento, têm identificado cerca de mais de 61 configurações de mãos.

Então, a cada dia as crianças percebiam que para serem entendidas por mim, precisavam fazer uso da Língua Brasileira de Sinais. Quando eles solicitavam para ir ao banheiro usando gestos, eu dizia que não estava entendendo. Então, logo elas mostravam o sinal.

Outra situação foi a sinalização da brincadeira lá na casa da árvore. Após o almoço, a criança P.B. fez sinalizar “brincadeira lá” (casa de árvore). Outro dia, eu sinalizei “brincadeira lá”, outras crianças verem, parece não entendem que eu falei, o P. B. entendeu, logo foi avisar os colegas.

A criança P.L. é filho de uma intérprete de Libras que trabalha na UFSM. Pelo relato da mãe, desde pequeno o P.L. é estimulado a aprender a língua de sinais. Contudo, sua mãe contou que até o momento não manifestava grande envolvimento para utilização da língua. Mas desde que comecei a atuar com a turma, o P.L. passou a ajudar muito na comunicação entre crianças e eu.

Outra situação que foi muito interessante foi um dia que estava brincando no salão de beleza e uma das meninas imitava como cabeleireira nos meus cabelos, ela fez escova e puxou meus cabelos, minha cara mostrei careta na minha cara e falei “Ai”, ela sinalizava “DESCULPA”.

Outro momento que causou bastante impacto foi um dia em que estava tentando aconselhar as crianças, depois de uma briga. As crianças prontamente fechavam os olhos com as mãos como se me dissessem não estamos te escutando. Então, este conjunto de situações foram vividas ao longo dos dias, me desafiando a convidar as crianças a conhecerem a singularidades da Libras. E isso comecei desde antes de meu ingresso na regência propriamente dita, iniciou-se este processo já desde as observações.

Lembro que durante a última observação que realizei, todas as turmas participavam das brincadeiras no gramado perto da Casa de Árvore, proposta de linguagem corporal (educação física), as crianças acham dentro da sacola as frutas neste local, professoras fazendo picadas de frutas (maçãs e bananas) professora me pediu para ajudar a fazer picadas, professora regente mostrou para as crianças de outras turmas que conhece a professora Jéssica é da turma Violeta, é surda, ensinar sinalizando “MAÇÃ” e “BANANA”. Dali a pouco percebi

que as crianças querem uma fruta para fazer sinalizando que eu estava picando as frutas para dar as crianças.

Então quando comecei a prática do estágio, ensinei alfabeto manual. Algumas crianças não tinham o interesse, e eu achava bem difícil ensiná-las. A professora regente pediu que eu colocasse o papel na parede o alfabeto manual em Libras. Alguns professores, bolsistas, crianças, família das crianças e colaboradores da empresa Sulclean Serviços poderiam aprender a se comunicar comigo.



Foto 23: papel na parede do alfabeto manual em Libras.



Foto 24: A criança aprendeu o alfabeto manual.



Foto 25: O mural de saudação na porta.



Foto 26: A criança B. aprendeu o número em Libras, esse sinal incorreto do número 10, eu entendi que ela faz o sinal assim.

Ensinei o número em Libras, algumas crianças aprenderam a sinalizar, principalmente números 5, 6, 7, 8, 9 e 10. Uma das crianças P.B. não concorda que a sinalização seja assim, ele diz que não combina esses números e eu disse:



SIM sinalizei 5, 6, 7, 8, 9 e 10. Ele diz: Não, sinalizou gestos com os dedos como os ouvintes costumam fazer os números. Eu tinha vontade de rir. Ele ainda não descobriu a língua de sinais, ainda acredita que aqueles são os gestos que se pode representar os números. Quando eu ensinei os números em Libras, eu percebi que a criança J. atenta e sinalizou os números, eu testei no sorteio os números (prefiro 5 a 10) que as crianças respondem certo, a J. acertava todos.

Outra estratégia utilizada foi o Batismo do sinal pessoal na língua de sinais das crianças. A professora regente Claucia pediu para ser batizada por mim para que eu pudesse chamá-la. Assim tivemos a ideia de realizar o batismo de todas as crianças da turma.

Eu reconheci as características de crianças (cabelos, corpos e rostos), e criei sinal de batismo de cada uma delas. Então, como forma de auxiliar na memória de todos, para os sinais, organizamos um mural do álbum do batismo. Foi muito importante, pois ficou exposto para todos que trabalhavam na escola, bolsistas e estagiária do curso de Educação Especial. Tirei as fotos com todas as crianças. Teve uma criança, contudo que não aceitou tirar foto, talvez por que não tenha aceito o nome que lhe foi atribuído.



Fotos 27: As crianças fazer moldura para as fotos.

Então, fui ao longo do meu estágio instigando as crianças a conhecerem a língua brasileira de sinais e entendendo como é a linguagem de um sujeito surdo. Outra situação que foi bastante desafiadora para mim foi um dia que a criança P.L. escolheu um livro, ele pediu para ler comigo, sentada ao lado, eu sinalizei alguns desenhos do livro (casa, animais, cores, homem, carro e etc...), também outras crianças acompanharam.



Fotos 28: Eu contei história e mostrei o sinal em Libras sobre figuras no livro, as crianças adoravam aprender em Libras.

Então, fui aos poucos entendendo que o trabalho com crianças poderia ser feito. Havia um lugar naquele espaço pedagógico que seria importante de eu ocupar, evidenciando para as crianças que as pessoas são diferentes e que precisamos respeitar e entender o modo como cada um vive e sente o mundo. Com isso, aos poucos fui descobrindo que poderia ser uma referência para as crianças. Essa situação ficou evidente quando num dia, a mãe da criança P.L., chegou na sala de aula, ela me contava sobre o filho dela, ontem disse:

-Pedro: Mãe, você sabe, quem é, minha preferida professora?

-Mãe: Não sei, quem?

-Pedro: É Jéssica;

-Mãe: É.

A mãe do P.L., é servidora de tradutora e intérprete de Libras na UFSM, me contava o que aconteceu, quando o P.L. nasceu, ela ensinava os sinais básicos de Libras, a criança aprendeu, mas nem se interessava, ele começa o contato com a pessoa surda como eu, ele já teve interesse, aprendeu muito como segunda língua, no final da aula, voltando para casa, o P.L. chamou a mãe: olha, Prof. Jéssica me ensina os sinais (cores, animais, etc...) mostrava sinalizando. Ela estava surpresa por ele querer aprender Libras com a pessoa surda! É importante que as crianças conheçam com a pessoa surda. Me emocionei, e fiquei feliz. É inexplicável.

Então, minha interação com as crianças foi ficando a cada dia mais intensa e fomos descobrindo como poderíamos nos relacionar. Um certo dia lembro da criança B. ficou sozinha sentada no corredor, bem triste. Outra criança viu e me avisou. Eu achei estranho, pensei: o que aconteceu com a menina. Eu tentei fazer gestos para me comunicar com ela, mas não prestou atenção. Eu pensei em outra estratégia, peguei um palitochê do porco, usando ele com a expressão facial, a criança estava atenta, começou a rir e ficou feliz, e consegui que ela voltasse para a sala da aula.

## 5 CONCLUSÕES

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo compreender os desafios de uma pedagoga surda ao organizar o trabalho pedagógico com crianças ouvintes na educação infantil.

Para tanto, foi necessário rememorar, revisitar minhas experiências formativas. Ao longo do meu estágio pude vivenciar diferentes experiências e desafios, os quais considero que expressam momentos que foram:

*A surpresa: o reconhecimento pelas crianças da minha condição como surda;*

*O convite: a aprendizagem das crianças da singularidade da Libras;*

*A descoberta: sou referência para as crianças.*

Observei que meu maior desafio no decorrer do estágio foi superar a ideia de que eu não seria capaz de trabalhar com crianças ouvintes. Que não ia ser possível me fazer entender, mas com o apoio que eu recebi fui pensando em possibilidades e percebendo que as crianças criavam formas de comunicação diferenciadas. Não foi fácil, no início comecei cuidando mais para eles não se machucarem, mas aos poucos fomos nos adaptando.

Durante período de estágio pude observar que as crianças, embora fossem ouvintes, elas aprenderam muitas palavras com a língua de sinais, em Libras como, por exemplo, OI, BOM DIA, TUDO BEM, DESCULPA, OBRIGADO, BANHEIRO, ÁGUA, CARRO, CACHORRO, COMER, LAVAR AS MÃOS, NÃO, SIM. Senti ter mais confiança a partir do contato com as crianças e com a equipe de professores. Se não tivesse esse estímulo não conseguiria. O apoio que tive foi fundamental e me permitiu entender que posso atuar com ouvintes.

Minha experiência no estágio, não foi fácil, principalmente quando as crianças brigavam, se irritavam e ficavam brabas. Eu tinha vontade de explicar, de aconselhar, conversar e dialogar com as crianças. Mas em muitos momentos isso não foi possível. Inclusive para me comunicar com os pais. Pensava era minha

culpa por que sou surda. Quando penso na educação de surdos com crianças surdas eu posso dialogar melhor. No caso dos ouvintes precisarei sempre de outro mediador, de intérprete de Libras. Contudo penso que esse trabalho é possível de ser realizado e é fundamental para as que os processos inclusivos possam ser vividos no cotidiano da escola.

## 6 REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. ***Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica*** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC/SEC, 2012. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=12451-publicacao-brinquedo-e-brincadeiras-completa-pdf&category\\_slug=janeiro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12451-publicacao-brinquedo-e-brincadeiras-completa-pdf&category_slug=janeiro-2013-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 27 ago. 18.

BRASIL, Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. RESOLUÇÃO N. 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as ***Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil***. Brasília: 2009.

CONNELLY, F. M., e CLADININ, D. J. ***Stories of experience and narrative Inquiry***. Educational Researcher, 19 (5), p. 2-14. 1990.

GÓES, Alexandre Morand & CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. Aspectos da Gramática da Libras. In: LACERDA, Cristina B. F. e SANTOS, Lara F. (orgs.). ***Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos***. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 65-80.

GOLDFELD, Marcia. ***A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista***. 2ª ed. – São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GROLLA, Elaine. ***Aquisição da Linguagem***. 2009. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoDeLinguagem/assets/541/Texto-base\\_Aqus.\\_Ling.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoDeLinguagem/assets/541/Texto-base_Aqus._Ling.pdf)> Acesso: 27 ago. 18.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão como experiência. In: MÄDHE, Flávia Clarice; GALEAZZI, Denise; KLEIN, Remi (Orgs). **Práticas pedagógicas em Matemática e Ciências nos anos iniciais** – caderno do coordenador dos grupos de estudo. Ministério da Educação e Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: Ed. Unisinos. Brasília: MEC, 2005. p. 40 - 43.

\_\_\_\_\_, Maura Corcini, MENEZES, Eliana da Costa Pereira. **Inclusão de alunos surdos na escola regular**. Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UPel [36]: 69-90, maio/agosto 2010, p. 87. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1601/1484>> Acesso: 21 nov. 18.

MAGALHÃES, Fábio Gonçalves de Lima. **O Papel do Intérprete de LIBRAS na Sala de Aula Inclusiva**. Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Número VII Jan-jun 2013. Páginas 73-86. Disponível em: <[file:///C:/Users/admin/Downloads/108-430-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/admin/Downloads/108-430-1-PB%20(2).pdf)> Acesso: 04 jan. 19.

PERLIN, Gladis T.T. **Identidades surdas**. (Capítulo 3). In: SKLIAR, Carlos (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SILVA, Vanessa C., LUCAS, Maria F. F., MOREIRA, Laura C., Classe Especial e Escola Comum: Encaminhamentos e Percalços Pedagógicos para Inclusão

Escolar. V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. Londrina-PR. 2009, p. 911. Disponível em: <[www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2009/110.pdf](http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2009/110.pdf)>  
> Acesso: 21 nov. 18.

ZABALZA, Miguel. A. ***Diários de aula - Um instrumento de pesquisa e de desenvolvimento profissional.*** Tradução: Ernani Rosa. - Porto Alegre: Artmed, 2004.

**Minidicionário de Libras** – FADERS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <[http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario\\_Libras\\_CAS\\_FADERS1.pdf](http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf)>  
Acesso: 2 set. 2018.